

“É base quatro?": o beisebol na escola

Aurélio de Souza Miguel

Buscando uma prática pedagógica ancorada no currículo cultural da educação física, o relato de aula a seguir aconteceu no Colégio Ítaca, localizado na zona Oeste de São Paulo, ao lado do Parque do Jockey, com os alunos e alunas do sétimo ano, no curso de Expressão e Movimento, com duração de três meses, no ano de 2021.

Hoje este curso de Expressão e Movimento é um braço da Educação Física que ao longo do tempo teve outros objetivos como oferecer um momento de lazer através dos esportes e da capoeira aos alunos e alunas que frequentavam o sexto e sétimo anos. Entretanto, nem todos os educandos faziam o curso de Esportes, como era chamado anteriormente, pois o horário coincidia com o do curso de violão, o que atraía a preferência.

Ao longo dos últimos anos, em planejamento com a coordenação pedagógica e com o professor Ronaldo de capoeira que compartilha as aulas do curso comigo, percebemos que o curso de Esportes se baseava no desenvolvimento técnico do voleibol, handebol, futsal e basquetebol, além de jogos pré-desportivos para essas modalidades, também desejávamos ampliar e aprofundar o conhecimento da cultura corporal, levando em consideração todos os aspectos que envolvem as práticas corporais e como elas se desenvolvem em uma sociedade multicultural. Além disso, o site da instituição sinaliza que "... o Ítaca se dedica a uma formação baseada em valores humanistas: formar, com solidez, cidadãos com autonomia para a busca de conhecimentos e com capacidade de refletir sobre a realidade e nela atuar". Mediante esses fatores, resolvemos mudar o nome do curso de Esportes para Expressão e Movimento e alterar o currículo do curso com temas que vão além dos esportes, como as ginásticas, lutas, brincadeiras, jogos eletrônicos e danças, e desenvolver um trabalho com os alunos e alunas baseado na tematização das práticas corporais e problematização das representações que surgem no contexto social da comunidade escolar.

Desta forma, compartilho as aulas de Expressão e Movimento com o professor Ronaldo, conhecido na capoeira como Mestre Marrom. O curso de capoeira acontece o ano todo e comigo trago diferentes tematizações ao longo do ano. Para isso, dependendo do que vamos fazer em aula, dividimos as turmas em dois grupos para trabalharmos com temas diferentes ao mesmo tempo, podendo ficar uma aula inteira com um único professor ou passar com os dois professores em uma mesma aula.

Para adentrar no relato do projeto, precisamos lembrar do contexto pandêmico que vivemos nos últimos dois anos. Onde todos os alunos e alunas acompanharam as aulas no modelo on-line no ano de 2020 e uma parcela pequena dos educandos passaram a frequentar a escola no início de 2021. Com a vacinação do público acima de 12 anos sendo efetivada no início do quarto trimestre e a recomendação da presença dos alunos e alunas na escola pelos órgãos competentes, nos 3 últimos meses tivemos todos os educandos nas aulas de Expressão e Movimento, pois o curso de violão acontecia fora da grade curricular.

Para falar especificamente do trabalho desenvolvido com os alunos e alunas, ao final de setembro tínhamos terminado de tematizar o parkour. Durante a última tematização, percebi que alguns alunos solicitavam jogar queimada e/ou base quatro, jogos constantemente

vivenciados até o 5º ano do Ensino Fundamental. Ademais, ao mapear os territórios das práticas corporais do entorno do colégio, reconheci dois lugares que foram campos de prática do beisebol. E ao descobrir que um dos alunos da turma faz a prática do beisebol, resolvi tematizar esse esporte.

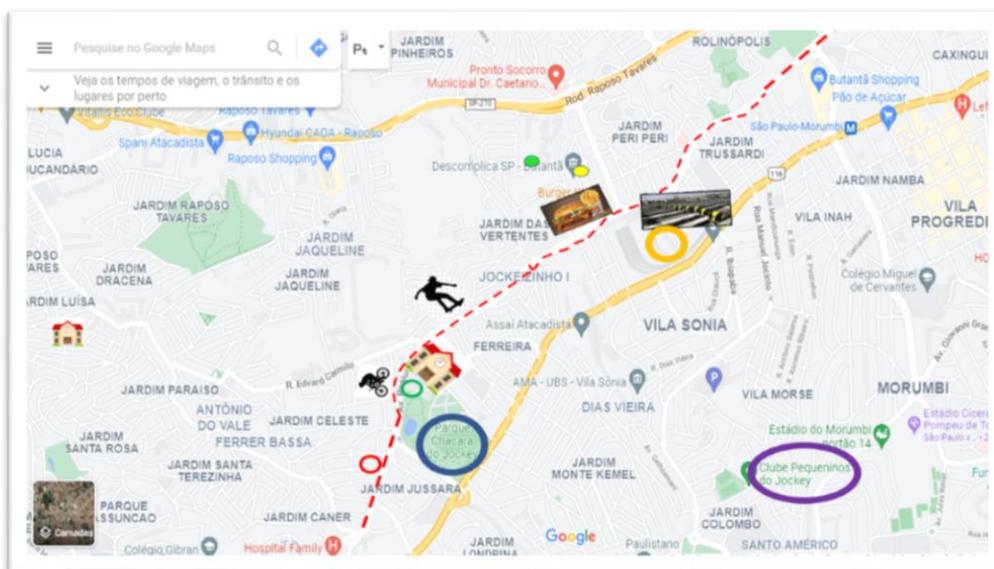


Imagem 1: Territórios das práticas corporais no entorno do colégio. Os pontos em amarelo são campos de beisebol.

Em nossa primeira aula da nova tematização, perguntei o que sabiam sobre o beisebol. “É o base quatro”, “precisa rebater uma bolinha e correr nas bases para marcar ponto”. Então perguntei se alguém poderia desenhar o campo de beisebol. Disseram que parece um diamante e um dos alunos fez o desenho no tatame que tínhamos na quadra. Perguntei ao Lucas, o aluno praticante do beisebol, se o desenho parecia um campo de beisebol. Respondeu afirmativamente, mas acrescentou alguns detalhes ao desenho, explicando aos colegas o que estava faltando, inclusive nomeando as posições do campo. Perguntei se o base quatro era igual ao beisebol: “não é igual! É totalmente diferente.” Explicou que o campo era maior e que tinha tamanhos diferentes para cada categoria, falou da velocidade da bolinha que é arremessada e começou a explicar algumas regras básicas. Utilizando o desenho, comentou sobre as posições dos jogadores do time que está eliminando os batedores. Explicou a pontuação. E uma das alunas perguntou em qual posição ele joga e se ele rebate as bolinhas. O Lucas respondeu que é arremessador e que também é rebatedor. Pedi para a aluna que disse que o base quatro era igual ao beisebol apontar as semelhanças com o jogo e ela disse: “A gente jogava aqui com outro professor. Precisa rebater e passar pelas bases sem ser queimado” e outro aluno completou: “Quando a gente dava a volta pelas bases, o nosso time marcava ponto igual o beisebol”.

Em seguida, como já havia combinado com o Lucas, ele mostrou o taco dele que era de alumínio e explicou sobre a diferença do taco de madeira: “basicamente, o de madeira é mais resistente e que dependendo da velocidade da bolinha o taco de alumínio pode quebrar”. Perguntei se nos campeonatos pode utilizar taco de alumínio e ele respondeu que não. Solicitei que falasse um pouco dos arremessos e fizesse algumas demonstrações. Ele explicou que existem três tipos de arremessos: a bola rápida, o offspeed, onde a bola perde velocidade próximo ao rebatedor, e o arremesso com efeito, quando a bolinha pode mudar de direção mais de uma vez durante o trajeto. Perguntei como ele faz para diferenciar os arremessos se o movimento é o mesmo. Ele respondeu que a forma de segurar a bola determina como vai ser o

arremesso. Em seguida, pedi para explicar o que era a “zona de strike”: “é um retângulo imaginário onde o arremessador deve jogar a bola dentro para valer o strike”. Um aluno perguntou o que era strike? “O objetivo do time que está arremessando é eliminar três jogadores da outra equipe e para isso acontecer você pode tentar fazer os três strikers ou eliminar os rebatedores que estão correndo pelas bases. E se o arremessador faz três strikes em um mesmo rebatedor, o time do arremessador consegue uma eliminação.”

Ele desenhou a zona de strike na parede e se posicionou no lugar do arremessador em campo. Pedi para os alunos tentarem acertar na zona de strike com a bola de beisebol que o Lucas trouxe. Durante as tentativas, reagiram: “é muito difícil Aurélio, minha bolinha não chega”, “sou muito ruim”, “errooouu”... Questionei o Lucas sobre o que acontece com o arremessador quando não acerta a zona de strike. Disse que é considerado um “ball” ou bola. Com quatro balls, o rebatedor pode correr para a próxima base. Mas se o rebatedor tentar rebater a bola que iria fora da zona de strike, mas não acertar é considerado um strike.

No final da aula separamos os alunos em dois grupos e fizemos um jogo de beisebol tendo que explicar onde cada um deve ficar e fazer. O Lucas fez o desenho de onde os rebatedores permanecem e mostrou como segurar o taco para fazer a rebatida. Além disso, estipulamos uma zona de strike com os tatames em quadra.



Imagem 2: Os alunos esperando para rebater, um dos alunos esperando o arremesso e a zona de strike feita com os tatames.

Nem todos conseguiram rebater a bolinha e percebi que o time que estava arremessando conseguia fazer três eliminações rapidamente, gerando a troca de equipe para rebater. Além disso, algumas pessoas não queriam rebater, principalmente as meninas. Quando finalizamos a aula e falei que iríamos continuar jogando na próxima, escutei: “que jogo chato, não consegui nem rebater”.

No início da aula seguinte perguntaram se jogariam base quatro. Fingi que não ouvi e passei a explicar as regras do beisebol, utilizando um [vídeo](#) e esclarecemos algumas dúvidas: “para que base devo correr?”, “pode ter dois na mesma base?” Além disso, perguntei aos alunos e alunas qual foi a maior dificuldade durante o jogo na aula passada? “Rebater a bolinha é muito

difícil”, “o taco é muito pequeno”, “é mais fácil eliminar arremessando do que rebater”, “não consegui nem rebater, pois meu time era sempre eliminado”. Então, combinamos que no lugar de três eliminações, faríamos cinco para ter a troca de grupos. Diminuímos o tamanho da zona de strike, pois o Lucas explicou que o tamanho dessa zona é o espaço entre o peito e os joelhos de quem está rebatendo. Vivenciamos o jogo e, no final da aula, expliquei como funcionava a marcação de pontos e o que eram as entradas no placar de pontos. Percebi que algumas alunas não quiseram jogar.



Imagem 3: Vivência do jogo de beisebol com a zona de strike diminuída.

Na aula seguinte, enquanto o professor Ronaldo prosseguia com a prática da capoeira, me perguntaram: “professor vamos jogar beisebol hoje?” Na próxima expliquei que mesmo diminuindo a zona de strike os alunos e alunas estavam sendo eliminados ao tentarem rebater os arremessos, e que muitas vezes os arremessos não iriam acertar a zona de strike, mas quando tentam rebater a bolinha acabam validando o arremesso e, se erram a rebatida, acontece um strike. Lembrei da regra do arremesso que vai para fora da zona de strike, o “ball”. Além do mais, um dos alunos trouxe um taco do jogo de taco para ser utilizado em aula, justificando que seria mais fácil rebater com o seu taco. Vivenciamos o jogo de beisebol deixando os alunos e alunas escolherem o taco que gostaria de utilizar. No final da aula perguntei se o novo taco facilitou rebater os arremessos e a maioria disse que sim.



Imagem 4: O taco da direita foi o taco que tinha na escola. O da esquerda um dos alunos levou.

Dando continuidade à tematização, levei um taco semelhante ao que o aluno havia nos emprestado e uma bola de beisebol, mas ela era feita de espuma, maior que a bola que estávamos utilizando, pois alguns alunos, principalmente as meninas, não queriam rebater, pois disseram não gostar do jogo ou que era muito difícil. Pedi para uma das garotas que não queria jogar fazer um registro da aula, poderia ser um desenho um texto. E assim dividimos os grupos para jogar o beisebol.

Ao final desta aula, perguntei aos alunos e alunas se a bola maior de beisebol e o taco achatado facilitou as rebatidas, pois nesse dia observei que mais alunos, principalmente o grupo das meninas, estavam conseguindo rebater e passar pelas bases. Isso indica que ficou mais fácil rebater.

Na semana seguinte, recebi um desenho de uma das alunas que não queria fazer a prática do beisebol. Tentamos fazer um jogo com todos os alunos e alunas, mas no final da aula reclamaram que tinha muita gente, que seria melhor diminuir o número de pessoas. Perguntei ao Lucas quantas pessoas participam de um jogo de beisebol e ele disse que são 9 jogadores em cada time. Combinamos que nas próximas aulas vamos dividir em dois grupos, um ficará com o professor Ronaldo, fazendo as atividades de capoeira e o outro grupo ficará comigo tematizando o beisebol e que trocaríamos os grupos nas aulas posteriores.

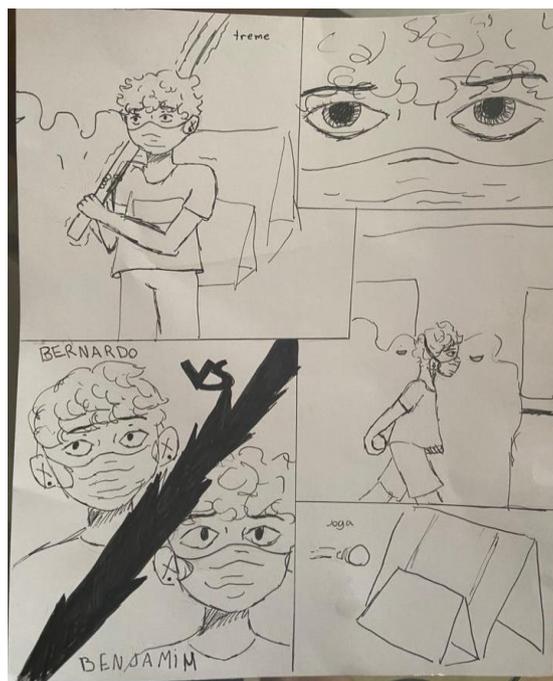


Imagem 5: Registro do jogo elaborado por uma aluna que não queria participar do jogo. Mas trouxe o jogo de beisebol de outra maneira.

No outro encontro utilizei fita adesiva para fazer as marcações das bases e a posição dos rebatedores. Além disso, percebi que ao longo dos jogos o Lucas ficava dando dicas aos amigos mais próximos sobre como rebater. Outros alunos perguntaram qual seria a melhor maneira de segurar o taco. Expliquei que existe a maneira que os praticantes do beisebol fazem e pedia para o Lucas mostrar, mas também seria possível rebater de outras formas, cada um deveria encontrar sua maneira de segurar o taco e rebater. No final dessa aula, percebi que algumas alunas não queriam rebater, ao perguntar-lhes o motivo, ouvi que era muito difícil e que sempre erravam a bola. Pedi para chamar o Lucas que estava no outro grupo fazendo capoeira. Quando ele chegou perguntei qual era mais ou menos a porcentagem de acertos ao rebater uma bola no time que ele joga. E ele respondeu: “A cada dez tentativas se acertar uma você está bem”. Percebi que foi bom o Lucas ter feito esse relato, pois parecia que não acertar a bola, ou seja, acertar uma rebatida é algo que só quem sabe jogar o beisebol consegue.



Imagem 6: Marcações da base principal, da área onde os rebatedores devem ficar e em amarelo a zona de strike.

Nas duas últimas semanas as atividades aconteceram na sala. Foi uma grande chiadeira: “Aurélio, vai ser aula teórica?”, “ficamos a semana toda sentados, queríamos sair um pouco da sala”. Para iniciar a conversa com eles acabei me apropriando e contando uma experiência de início de aula que o Marcos Neira contou durante o curso de extensão no mesmo período que desenvolvia essa tematização. Essa história mostrava o primeiro encontro de um professor de educação Física com sua turma em uma escola, na primeira aula do ano. Então ninguém se conhecia. Quando o professor chegou para buscar os alunos e alunas do segundo ano, todos saíram correndo da sala e foram esperar em frente a sala de materiais, sem o professor ter pedido. E após contar essa história os questionei o que levou esses alunos terem esse tipo de atitude. E eles responderam: “Eles estavam acostumados a fazer isso com outro professor” e “Eles estavam condicionados”. Então retomei a fala dizendo que entendo a vontade deles de estar na quadra, mas a sala de aula nesse momento era o melhor ambiente para debater e apresentar alguns assuntos sobre o beisebol. E como professor que adotou uma determinada teoria de ensino, não quero reproduzir práticas condicionantes.

Continuei a aula utilizando uma apresentação que começava com a pergunta: qual a origem do beisebol? Alguns alunos questionaram a forma como a palavra beisebol estava escrito, dizendo que estava errada. Tive que retomar uma discussão que tivemos quando tematizamos o parkour, onde alguns alunos achavam curioso os nomes dos movimentos da prática corporal serem em inglês, apesar da prática ter sido criada na França. E na época, pedi para levantarem os estrangeirismos presentes nas práticas corporais que conheciam. Com isso, mostrei que era comum escrever beisebol de várias maneiras, pois os estrangeirismos também existem nas práticas corporais. Retomando a questão inicial, obtive como resposta: “Inglaterra”, “Estados Unidos” e “Japão”.

Passando o outro slide, expliquei que provavelmente o beisebol, segundo pesquisas, pode ter sido uma ruptura, um hibridismo e/ou uma ressignificação de outras práticas corporais existentes naquele momento nos Estados Unidos, por imigrantes ingleses e seus descendentes. Os jogos assemelhados anteriores ao beisebol eram o “rouders” e o “cricket”. Perguntei se alguém conhecia e se já haviam jogado. Poucos alunos disseram que conheciam o cricket. Então

apresentei-lhes um vídeo que apontava as semelhanças e distinções entre o [rouders](#), o [cricket](#) e o [beisebol](#).

A turma percebeu que o rouders era uma prática esportiva muito parecida com o beisebol e que tinha mais semelhança do que o cricket. “O cricket parece o jogo de taco” disse um dos alunos. Mostrei-lhes que o estadunidense Abner Doubler, em 1839, coloca em prática um jogo chamado beisebol. O termo estadunidense deu debate entre os alunos.



Imagem 7: Abner Doubler, auto nomeável criador do beisebol

Continuei apresentando um mapa das práticas esportivas espalhadas pelo planeta e em quais países o beisebol é dominante.

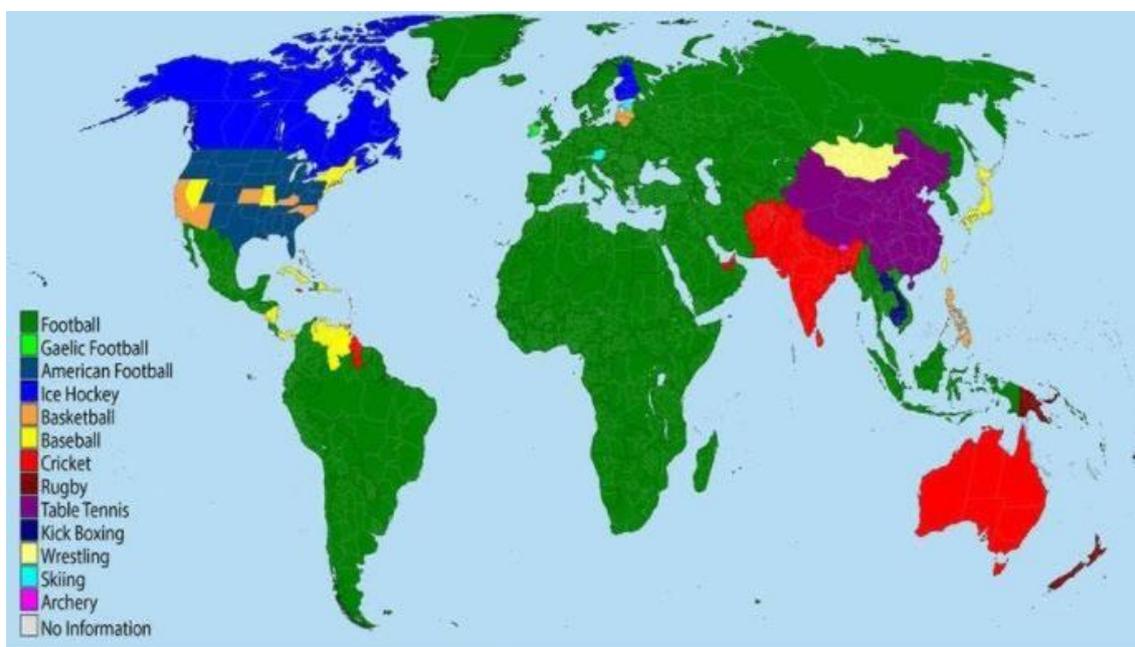


Imagem 8: Mapa de dominância do esporte no mundo

Os alunos perguntaram por que o basquete não é o esporte dominante nos Estados Unidos. Expliquei que a modalidade está em todos os estados dos Estados Unidos, assim como o beisebol, mas que tinha um predomínio da prática do futebol americano.

Em seguida perguntei, qual é o público que mais influenciou a prática do beisebol no Brasil. Ninguém soube responder. Então, mostrei-lhes que o beisebol chegou ao Brasil em 1914,

pelo Mackenzie College de São Paulo. E sofreu dupla influência, uma pelos estadunidenses que frequentavam essa instituição e outra pelos japoneses e seus descendentes. Com uma presença crescente a partir de 1930, a comunidade japonesa passou a organizar e desenvolver o esporte. Utilizei uma imagem do time de beisebol de Ourinhos para ilustrar esse momento de desenvolvimento do beisebol pela comunidade japonesa.



Imagem 9: Equipe campeã brasileira de 1974, que treinava no campo de beisebol onde hoje está a rodoviária da cidade.

Na sequência falei sobre o softbol, pois a primeira federação organizada pelos descendentes de japoneses, em 1946, leva o nome de Federação Paulista de Beisebol e Softbol. Perguntei se alguém conhecia esse esporte. O Lucas falou que já tinha jogado, mas que o jogo foi criado para as mulheres. Essa informação disparou uma grande discussão entre os alunos e alunas: “isso é machismo”. Sugeri assistirmos a um [vídeo](#) onde duas atletas da Seleção Brasileira de Softbol falam sobre o esporte. Na sequência, expliquei que o esporte não escolhe gênero, mas sabemos que há um predomínio de determinado gênero em determinadas práticas corporais e fui citando exemplos: futebol? Masculino, mas nos Estados Unidos é feminino; dança? Feminino e masculino, tem um monte de meninos dançando no Tik Tok; beisebol? masculino.

Nesse momento o Lucas levantou a mão e falou: “Eu nunca vi um time de beisebol feminino”. Perguntei a todos se ter o softbol como prática historicamente feminina não influencia a não existência de um time feminino de beisebol. “Provavelmente”. Falei também que, até pouco tempo, acreditavam que as mulheres não seriam capazes de correr uma maratona. Precisou uma mulher invadir uma maratona e correr ao lado dos homens, se desvencilhando dos organizadores que queriam tirá-la à força, para mostrar que as mulheres tinham plena capacidade e direito de participar. Através dessa intervenção e de debates e lutas de grupos femininos que as mulheres conquistaram o direito de praticar vários outros esportes.

Na sequência perguntei como a ideia de que determinados esportes, ginásticas, desenhos, entre outras coisas são de menino ou de menina, como isso vai sendo construído. “Pelo o que passa na TV”, “o que vemos nos filmes... na internet”, e completei: “ou que deixamos de ver”. Expliquei que como o Lucas nunca tinha visto um time feminino de beisebol, mas já tinha visto alguns times femininos de softbol, logo ninguém precisou falar para ele que beisebol

é para meninos e softbol é para meninas. Outro exemplo foi mostrar uma imagem do meu navegador de busca quando coloquei a palavra beisebol. Pedi para os alunos descreverem as imagens que apareceram: “tem um cara rebatendo”, “tem outro cara arremessando”, “até a imagem do jogo de vídeo game é um homem”. Alguém gritou: “machista”.

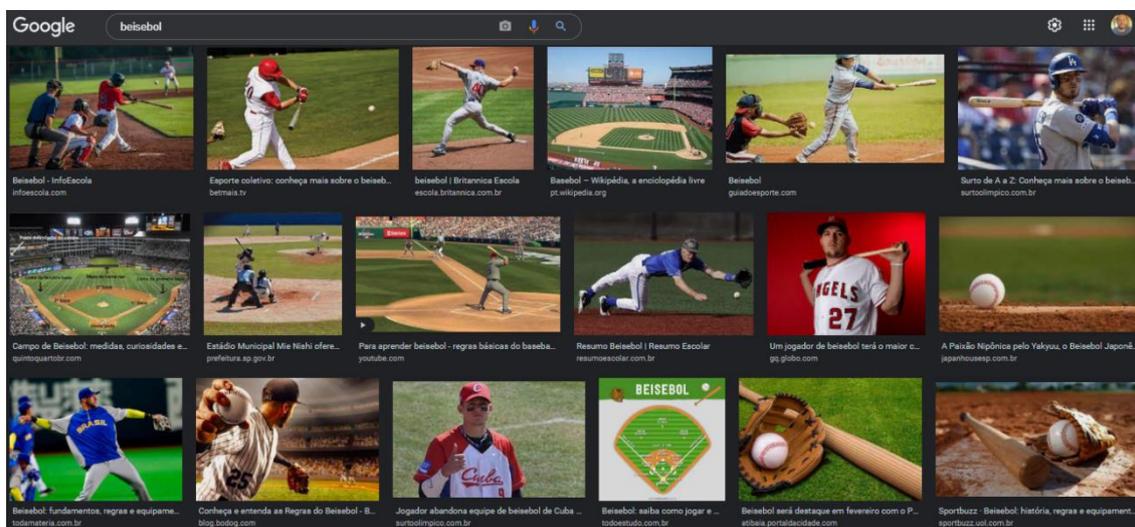


Imagem 10: Pesquisa da palavra beisebol na aba imagens do navegador.

Quando inseri a palavra softbol, as meninas falaram: “são meninas jogando”, e completei dizendo que existem outras dezenas de exemplos que vão fazendo a gente acreditar em certas verdades pelo simples fato de não termos a oportunidade de ver de outras formas e de outras maneiras as práticas corporais, logo, poder construir outras verdades a partir de novas experiências. O que nos torna condicionados a pensar e fazer as mesmas coisas e achar que aquilo que é o certo.

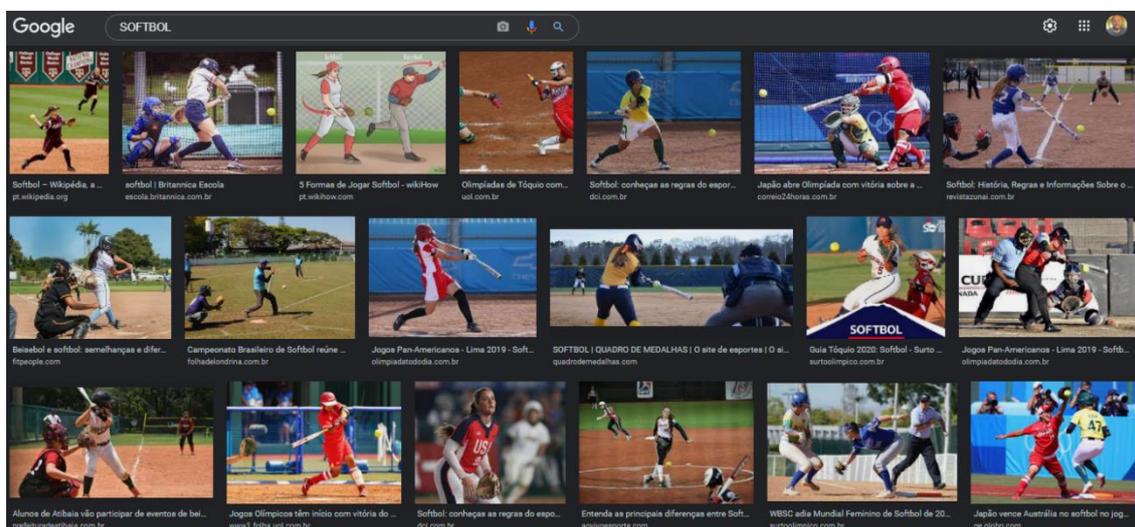


Imagem 11: Pesquisa da palavra softbol na aba imagens do navegador.

Mostrei aos educandos que o município de São Paulo possui um estádio de beisebol chamado de Mie Nishi, localizado no Bom Retiro. Construído no ano de 1958, em comemoração aos cinquenta anos de imigração japonesa ao Brasil. Recebeu o príncipe Mikasa e sua esposa na cerimônia de inauguração. Além disso, em 2000, a empresa multinacional japonesa Yakult investiu US\$ 4 milhões na construção do complexo de treinamento de beisebol, em Ibiúna, no interior do estado. Nesse momento o Lucas nos contou que iria jogar uma final de campeonato

no Estádio Mie Nishi e que nunca tinha estado naquele campo. Quando está na seleção ele fica alojado em Ibiúna. Uma das alunas perguntou por que os japoneses do Japão ou as empresas investem tanto no beisebol? Respondi que é uma forma de manter a cultura japonesa e perguntei ao Lucas quantos não descendentes de japoneses jogavam com ele. “Tem um de dezoito, mas ele é mestiço”. Completei dizendo que é uma forma de manter não só o controle sobre essa prática esportiva, mas também a comunidade unida. Além disso, expliquei que alguns campos de beisebol que tínhamos na cidade de São Paulo estão sumindo pelo crescimento urbano e especulação imobiliária e mostrei que próximo ao colégio tínhamos dois campos de beisebol, um virou condomínio e o outro é a futura Estação Terminal Vila Sônia.



Imagem 12: Estádio Municipal de Beisebol – Mie Nishi



Imagem 13: Centro de Treinamento Yakult em Ibiúna

E como estávamos na última aula do ano, perguntei: “ao longo desses últimos meses vocês puderam conhecer melhor o beisebol. Nesse momento podemos afirmar que o beisebol é igual ao base quatro? “O base quatro é parecido com o beisebol, mas é mais simples em relação as regras”, “mas o base quatro não tem toda essa história que o beisebol tem, então acho que é diferente por isso”, “ainda acho muito diferente o base quatro do beisebol. É como

a Clara falou e tem a parte dos treinos e dos jogos nos campeonatos. Eu não consigo explicar, tem muita coisa. O base quatro é só uma brincadeira que a gente faz na escola”.

E assim finalizamos mais um ano.

Fontes de pesquisa:

1. <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/33.pdf>
2. <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/esportes/beisebol--softbol/>
3. <https://pt.scribd.com/document/350866164/A-Origem-e-a-Historia-Do-Baseball>
4. <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115318167005.pdf>